



---

## Epistemologia semiótica e a questão do observador em Peirce e Lotman\*

Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa\*\*

Tarcísio de Sá Cardoso\*\*\*

---

**Resumo:** Este artigo discute de que maneira o sujeito gnosiológico do conhecimento, ou observador, pode ser entendido por meio de duas perspectivas semióticas distintas: a do filósofo Charles Sanders Peirce e a do semioticista da Escola de Tártu-Moscou Iuri Lotman, bem como a correlação e o tensionamento entre ambas as abordagens. Em comum, os dois teóricos rompem com a concepção cartesiana acerca da relação dualista entre sujeito e objeto do conhecimento, ao situarem a ação exercida pela mediação no processo de construção do conhecimento. Peirce não privilegia a figura do observador em sua obra, porém, por meio da relação entre signo, objeto e interpretante, pode-se depreender, segundo nossa leitura, uma compreensão eminentemente lógica para a ideia de observador. Lotman, por sua vez, realiza uma série de alusões à figura do observador ao longo de seus escritos, cuja compreensão encontra-se diretamente relacionada à perspectiva epistemológica de estudo da cultura vinculada à semiosfera. Pelo diálogo entre os autores, ou, ainda, pela complementaridade epistemológica entre suas ideias, considerando as aproximações e distanciamentos entre eles, delimitamos os seguintes pontos de contato: a mediação sógnica presente no processo de construção do conhecimento; a constituição do observador em meio à semiose; a validação do saber e, por fim, a objetividade.

**Palavras-Chave:** sujeito gnosiológico; mediação; Charles Sanders Peirce; Iuri Lotman; epistemologia semiótica.

---

---

\* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2020.172812> .

\*\* Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), BA, Brasil. E-mail: [regianemo@uol.com.br](mailto:regianemo@uol.com.br) . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2039-7610> .

\*\*\* Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), BA, Brasil. E-mail: [tcardoso@ufba.br](mailto:tcardoso@ufba.br) . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1093-5307> .

## Introdução

Uma das questões centrais concernentes a qualquer debate epistemológico diz respeito à relação entre o *sujeito* e o *objeto* do conhecimento, porém, diferentes foram os modos de compreensão de um e outro no decurso da história. Do ponto de vista semiótico, tal discussão ganha contornos próprios, já que entra em jogo a noção de signo.

Com isso, surge outra forma de tratar a epistemologia, não mais pautada no dualismo moderno fundado na relação entre sujeito e objeto, mas em uma relação triádica, cujo centro é a própria noção de mediação ou signo, de modo que “A consequência epistemológica que se extrai disso é que, apesar de termos contato direto, físico com o mundo exterior, não há acesso cognitivo sem mediação” (Santaella; Vieira, 2008, p. 62). Tal irrupção do signo ainda instaura, na epistemologia, uma dinâmica de interpretações, chamada semiose ou ação do signo.

Assim, este trabalho pretende discutir as questões epistemológicas que decorrem da compreensão acerca da mediação exercida pelo signo junto ao sujeito gnosiológico ou observador, tendo por base duas perspectivas semióticas distintas: a de Charles Sanders Peirce, filósofo criador do pragmatismo, e a de Iuri Mikhailovich Lotman, um dos principais representantes da Escola de Tártu-Moscú (ETM), bem como as proximidades e diferenças entre suas ideias.

Com relação ao primeiro, podemos dizer que Peirce não chega a desenvolver sua semiótica diretamente ligada à figura do observador. Na fase inicial de sua filosofia, Peirce faz uso de ideias como consciência, sujeito, linguagem etc. Entretanto, quando desenvolve sua semiótica como lógica, Peirce prioriza noções mais técnicas como signo, objeto e interpretante. Devemos acrescentar, contudo, que a noção de observação colateral e a de interpretante, que continuam em sua teoria semiótica, podem abrigar aspectos do que entendemos como *observador*, ainda que este seja um conceito impreciso, em termos peirceanos. Assim, pode-se presumir que o autor prioriza uma compreensão eminentemente lógica para a ideia que tacitamente tomamos como *observador*.

Por outro lado, ainda que esparsas, ao longo de toda a sua obra, inúmeras foram as alusões feitas por Lotman à função exercida pelo observador/ investigador/ pesquisador na construção da inteligibilidade sobre o funcionamento dos sistemas modelizantes constitutivos da cultura<sup>1</sup>. À medida

<sup>1</sup> Nas traduções em espanhol e inglês, nota-se o uso dos termos observador, investigador e pesquisador de forma alternada. Os artigos consultados em que Lotman faz alusão direta à figura do observador/ investigador/ pesquisador são: “Acerca de la semiosfera”, “El *ensemble* artístico como espacio de la vida cotidiana”, “El texto en el texto”, “La cultura como sujeto y objeto para sí misma”, “Sobre el metalenguaje de las descripciones tipológicas de la cultura”, “Un modelo dinámico del sistema semiótico” e “Explosive Processes”. Há, ainda, o artigo “Sobre a possibilidade de um estudo tipológico-estrutural de alguns

que se avança na obra do autor, nota-se que essa questão se encontra diretamente relacionada à perspectiva epistemológica de estudo da cultura subjacente à semiosfera e, por consequência, à mediação que ela exerce no processo de construção do conhecimento.

Apesar das diferentes abordagens e pontos de partida – a lógica no caso de Peirce e a cultura no que concerne a Lotman –, ambos os autores concebem a mente cognoscente por meio de um viés não antropocêntrico, em proveito da compreensão das mediações que se interpõem entre o sujeito e objeto do conhecimento o que, a nosso ver, constitui um dos princípios centrais de qualquer abordagem epistemológica amparada no ponto de vista semiótico. Assim, por meio do diálogo entre eles, interessa-nos discutir alguns preceitos que julgamos centrais para as possibilidades que se colocam para a produção do conhecimento quando se entende que, “[em] uma epistemologia semiótica, a ideia de um sujeito do conhecimento é sumariamente abandonada pela introdução da função mediadora do signo” (Santaella; Vieira, 2008, p. 66). São as consequências decorrentes dessa compreensão, por meio do pensamento semiótico de Peirce e Lotman, que buscaremos discutir ao longo deste artigo.

## 1. Da base epistemológica do sujeito pensante em Descartes à epistemologia da mediação em Peirce

Para Danilo Marcondes (2007, p. 164), “a filosofia de Descartes inaugura de forma mais acabada o pensamento moderno”. Com o cartesianismo, a gnosiologia moderna acolhe o argumento do *cogito*, o ceticismo metódico, a forma do conhecimento intuitivo e o procedimento analítico-dedutivo de construção de uma tese. Nas famosas meditações metafísicas, Descartes busca o fundamento seguro para o conhecimento, que deveria residir em algo que fosse indubitável. Encontra tal fundamento no espírito do eu pensante (*cogito*), pois mesmo quando tudo for colocado em dúvida, haverá alguém que coloca essa dúvida, e este alguém, o sujeito da dúvida, não pode não existir enquanto pensar. Essa presença da subjetividade expressa no *cogito ergo sum* marca uma nova forma de problematizar o estatuto do próprio saber, de modo que, desde então, o problema do conhecimento torna-se um problema da relação entre um sujeito cognoscente e um objeto a ser conhecido (Hessen, 2012, p. 20–22).

O par sujeito/objeto, marco da epistemologia moderna, perde um pouco de sua força quando Peirce introduz a sua noção de signo<sup>2</sup>. Em 1868 e 1869,

---

sistemas semióticos modelizantes”, de autoria de A. A. Zaliziák, V. V. Ivanov e V. N. Toporóv, que também fizeram parte da ETM.

<sup>2</sup> Vale acrescentar que o conceito “signo” não foi criado por Peirce, mas, ao contrário, está presente em toda a história da humanidade. Platão, no diálogo *Crátilo* (sobre a justeza dos nomes), elabora uma noção de signo como uma relação entre nomes, ideias e coisas (Nöth, 2003, p. 28). Aristóteles, por sua vez, diferenciou a noção de signo incerto (*semeíon*) da de signo certo (*tekmérion*) (ibid.). Na idade média (i.e.

Peirce publica uma série de três textos<sup>3</sup>, conhecidos pelos estudiosos da obra peirceana como a “série sobre cognição”. Ali, Peirce trava um debate diretamente com Descartes e, indiretamente, com toda a epistemologia moderna. Cognição vem da junção do latim de *cognitio, onis* que significa a ação de *cognoscere*, isto é, conhecer. Ao buscar os fundamentos da cognição, Descartes encontra a ideia de intuição (cognição imediata), enquanto Peirce encontra a ideia de signo (cognição mediata).

Intuição vem de *intuitio*, que significa ato de contemplar, “forma de contato direto ou imediato da mente com o real, capaz de captar sua essência de modo evidente, mas não necessitando de demonstração” (Japiassú et al., 2006, p. 151). Peirce toma intuição como cognição não derivada, ou “cognição não determinada por uma cognição prévia do mesmo objeto”<sup>4</sup> (CP 5.213, tradução nossa)<sup>5</sup>. Tal cognição não determinada pode ser vista como um contato cognitivo imediato com o objeto, ou seja, como uma “relação direta (sem intermediários) com um objeto qualquer; por isso, implica a presença efetiva desse objeto” (Abbagnano, 2012, p. 670). Adotando o intuicionismo, Descartes toma como certo o conhecimento imediato (intuitivo), pois para o *cogito* cartesiano, a certeza do eu pensante é dada intuitivamente, sem meio algum, já que basta a qualquer sujeito uma simples introspecção para que se reconheça intuitivamente que ele próprio existe enquanto pensa. Esse conhecimento direto, não mediado por algo, é justamente o fundamento seguro da epistemologia cartesiana, e nada seria mais certo do que esse solo inabalável da intuição do sujeito pensante<sup>6</sup>.

É justamente o problema da intuição (e, também, da introspecção, do pensamento por signos e do incognoscível) que motiva Peirce na série sobre cognição. Desconfiando da presumida capacidade intuitiva de fazer distinções, Peirce traz uma série de problemas que dela decorrem, chegando a apresentar

---

Agostinho, Tomás de Aquino...) e na idade moderna (i.e. Descartes, Locke, Hobbes, Vico...), diversos autores exploraram o problema dos signos, cada um a seu modo. A novidade da concepção de signo de Peirce diz respeito à sua definição de caráter lógico e triádico, qualidades que estão aqui sendo resgatadas para que se possa explorar as consequências epistemológicas dessa nova forma de pensar os signos.

<sup>3</sup> “Questions concerning certain faculties claimed for man” (1868a), “Some consequences of four incapacities” (1868b) e “Grounds of validity of the laws of logic: further consequences of four incapacities” (1869). Estes e diversos outros textos foram reunidos na obra *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce* (Peirce, 1978), obra que será aqui referida como *CP*.

<sup>4</sup> No original: “Throughout this paper, the term intuition will be taken as signifying a cognition not determined by a previous cognition of the same object”.

<sup>5</sup> No presente texto usaremos *CP* para nos referirmos à obra *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce* (Peirce, 1978), de modo que o primeiro número (antes do ponto) se refira ao Volume, e o segundo (depois do ponto) ao parágrafo. Assim, *CP 5.213* se refere ao parágrafo 213 do volume 5 da referida obra.

<sup>6</sup> Apesar do *cogito* cartesiano ter um fundamento intuitivo, já que a certeza do eu é obtida pelo exercício introspectivo da *res cogitans*, seria possível argumentar, para além do próprio *cogito*, que noção de Deus, em Descartes, serviria como mediação, assim como o é a noção de signo, em Peirce (tal argumento defenderia que na experiência de mundo da mente, tal mundo se apresenta como *mundo* pela mediação da própria existência de Deus, em Descartes, e pela mediação dos signos, em Peirce). No entanto, o que o presente texto pretende destacar é que, do ponto de vista epistemológico da semiótica de Peirce, a própria ideia de intuição, em geral, e a de introspecção, em especial, estariam sendo colocadas em questão (e com elas, o fundamento seguro do *eu* cartesiano). Assim, se a noção de signo de Peirce for levada às últimas consequências, então a noção de intuição perde seu sentido. E, com isso, a própria noção de sujeito que em Descartes se relaciona à ideia de *cogito*, em Peirce precisaria encontrar outro lugar. Buscar esse lugar é o que o presente texto pretende, e aqui o fazemos no diálogo com Lotman.

quatro negações à epistemologia que deriva de Descartes. Notemo-las na seguinte passagem de Peirce:

[A] crítica a certas faculdades resultou em quatro negativas que, por conveniência, podem ser aqui repetidas: 1. Não temos poder algum de Introspecção mas sim, todo nosso conhecimento do mundo interno deriva, por raciocínio hipotético, de nosso conhecimento dos fatos externos. 2. Não temos poder algum de Intuição mas sim, toda cognição é determinada logicamente por cognições anteriores. 3. Não temos poder algum de pensar sem signos. 4. Não temos concepção alguma do absolutamente incognoscível (CP 5.265, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Nessa mesma série de textos sobre a cognição, Peirce defende que nem sempre é fácil distinguir entre uma premissa e uma conclusão ou entre uma cognição vaga e outra. Ao se fazer um relato sobre um sonho, por exemplo, não é fácil diferenciar o que é do próprio sonho e o que foi adicionado pela mente no momento do relato. Uma criança, em outro exemplo, quando perguntada sobre como sabe algo, tem dificuldade de precisar a cadeia do aprendizado (chega a afirmar que *sempre foi assim*). O exemplo do *ponto cego da retina*, por sua vez, mostra que a própria percepção do espaço não é contínua (é como um anel), de modo que o intelecto age para completar o espaço não visto (o que atesta em favor de uma incapacidade de distinguir entre intuição e cognição mediada). Por fim, para distinguir texturas, sons ou qualquer estímulo sensorial, é necessário comparar um dado a outro, de modo que parece impossível qualquer comparação sem mediação, sem pelo menos dois dados distintos relacionados. A própria passagem do tempo só é percebida na relação entre os instantes sucessivos, mas nunca em um instante isolado.

## 2. A lógica do signo-pensamento e a questão do observador em Peirce

Ainda no conjunto de textos que dialogam com Descartes, Peirce diz que só temos dois modos de entender a cognição ou o pensamento: 1) ou o pensamento poderia vir antes dos signos (e, então, seria possível pensar sem signos); ou 2) o pensamento necessita dos signos para operar.

A resposta do autor é que, se, ao contrário do cartesianismo, o fundamento do conhecimento não repousa na ideia de intuição, e se a cognição não pode conhecer por si própria a menos que se coloque em relação com outras, a única

---

<sup>7</sup> No original: "That criticism of certain faculties resulted in four denials, which for convenience may here be repeated: 1. We have no power of Introspection, but all knowledge of the internal world is derived by hypothetical reasoning from our knowledge of external facts. 2. We have no power of Intuition, but every cognition is determined logically by previous cognitions. 3. We have no power of thinking without signs. 4. We have no conception of the absolutely incognizable."

opção coerente a assumir é que: não se pode pensar sem signos. Desse modo, todas as cognições só são cognoscíveis na relação que guardam com outras cognições. Assim, todo pensamento deve se dar em signos (CP 5.251).

Nessa linha argumentativa, Peirce afirma que dizer que todo pensamento é signo é o mesmo que dizer que todo pensamento se dirige a outro, e que no presente imediato (na intuição) não há pensamento, pois não há o direcionamento. A consequência necessária desse tipo de argumentação é que o pensamento assim entendido requer tempo, isto é, não pode acontecer num instante.

Da proposição de que todo pensamento é um signo, segue-se que todo pensamento deve se dirigir a outro, deve determinar outro, pois essa é a essência de um signo. Afinal, isso é apenas outra forma do axioma familiar, que na intuição, isto é, no presente imediato, não há pensamento ou que tudo aquilo sobre o que se reflete é passado. *Hinc loquor indeest*. O fato de que a partir de um pensamento deve ter havido um outro pensamento tem seu análogo no fato de que, a partir de um momento passado qualquer, deve ter havido uma série infinita de momentos. Dizer, portanto, que o pensamento não pode acontecer em um instante, mas que requer um tempo, é apenas outra maneira de dizer que todo pensamento deve ser interpretado em outro, ou que todo pensamento está em signos. (CP 5.253, tradução nossa)<sup>8</sup>

Uma vez que está evidente que toda cognição (todo pensamento) se dá por meio de signos, é preciso saber o que Peirce entende por signo.

[um signo] é qualquer coisa que determina qualquer outra coisa (seu interpretante) a se referir a um objeto ao qual ele próprio se refere (seu objeto) do mesmo modo, o interpretante se tornando por sua vez um signo, e assim por diante, *ad infinitum*. (CP 2.303, tradução nossa)<sup>9</sup>

Nessa definição, vemos que signo é algo que deve existir, por um lado, por conta de um objeto e, por outro, como algo que se dirige a outro signo (interpretante). Isso quer dizer que para haver cognição é preciso haver essa vinculação em cadeia, do signo atual para com o objeto e com o interpretante

<sup>8</sup> No original: "From the proposition that every thought is a sign, it follows that every thought must address itself to some other, must determine some other, since that is the essence of a sign. This, after all, is but another form of the familiar axiom, that in intuition, i.e., in the immediate present, there is no thought, or, that all which is reflected upon has past. *Hinc loquor inde est*. That, since any thought, there must have been a thought, has its analogue in the fact that, since any past time, there must have been an infinite series of times. To say, therefore, that thought cannot happen in an instant, but requires a time, is but another way of saying that every thought must be interpreted in another, or that all thought is in signs".

<sup>9</sup> No original: "[A sign is] Anything which determines something else (its interpretant) to refer to an object to which itself refers (its object) in the same way, the interpretant becoming in turn a sign, and so on *ad infinitum*".

(signo futuro), gerando, assim, a noção de cadeia de signos (semiose) que pode se prolongar infinitamente. Percebe-se também, nessa definição, como a ideia de signo se aproxima da ideia de interpretante, já que este é como outro signo. No entanto, é preciso lembrar que, apesar de o interpretante ser outro signo, há, na semiótica peirceana, uma marcante distinção entre ambos. Tal distinção é fundamentalmente lógica, uma vez que distingue o lugar do signo e o do interpretante numa tríade específica, pois é sempre o signo que determina o interpretante, e nunca o contrário.

Assim, podemos dizer que *tempo*, na sua irreversível seta para o futuro, é a condição sem a qual a própria cognição não seria possível (dado que ela não é possível num instante), mas também se constitui no alicerce por meio do qual podemos distinguir papéis lógicos entre o signo, seu objeto (objeto do signo) e seu efeito mental (interpretante do signo). É apenas desse modo que entendemos semiose como a própria dinâmica das representações e das interpretações, já que ela se realiza justamente no fluxo de criação de interpretantes, no movimento dos signos de se traduzirem em outros signos.

No entanto, vale lembrar ainda, apesar de cada ato de interpretação ser único e de haver uma recriação e um crescimento do signo a cada ato interpretativo, a semiose, tal como concebida por Peirce, não é um processo que se dá pela liberdade dos interpretantes – como se o movimento do signo fosse um livre devir, como se caminhasse dentro da livre disputa entre as interpretações de signos. Isso se deve ao caráter mediador do signo, que pretende veicular uma informação do objeto para o interpretante (comunicar uma forma, como diz Peirce) e ao caráter externo do objeto em relação ao signo. Portanto, no que diz respeito à determinação (ontológica) de um sobre o outro, diria Peirce, é o objeto que determina o signo, estando o signo em um papel passivo com relação ao objeto.

Para os fins desta investigação, um Signo pode ser definido como um *Medium* para a comunicação de uma Forma. [...] Como um *medium*, o Signo está essencialmente em uma relação triádica, com seu Objeto que o determina e com o Interpretante que ele determina. Em sua relação com o Objeto, o signo é passivo, ou seja, sua correspondência com o Objeto é provocada pelo efeito sobre o signo, permanecendo o Objeto inalterado. Por outro lado, em sua

relação com o Interpretante, o signo é ativo determinando o interpretante sem que ele próprio seja afetado<sup>10</sup>. (EP 2.544)<sup>11</sup>

Entendido o papel lógico mediador do signo e a seta ontológica de determinação da semiose (que caminha do objeto para o interpretante por meio do signo), estamos em condições, enfim, de nos aproximar do que Peirce poderia entender por observador. Apesar de evitar o uso dos termos observador, espírito, *cogito*, eu pensante e sujeito, podemos presumir que Peirce provavelmente teria um entendimento lógico para esta ideia e provavelmente faria com que ocupasse um papel no processo denominado semiose. Nossa hipótese é a de que tal papel estaria ligado à noção de interpretante do signo – mais precisamente, de *interpretante dinâmico* do signo, no caso de sujeitos particulares, e *interpretante final* do signo, no caso de um sujeito coletivo futuro, desde que, no caso desse sujeito coletivo, sejam adicionadas duas ressalvas: que tal sujeito seja compreendido pela comunidade de investigadores, isto é, aqueles leitores do signo que utilizam um método científico; e que o tempo da semiose seja compreendido como um intervalo suficientemente longo. Essas são as condições a partir das quais Peirce tece a noção de *interpretante final*.

Vale acrescentar que ao substituir a noção imprecisa de sujeito pela noção técnica *interpretante*, Peirce sugere que, do ponto de vista de uma epistemologia semiótica, não seria possível tratar qualquer sujeito como *eu pensante* ou como *cogito*, no sentido cartesiano, já que interpretante não é fundamento de algo, nem da semiose (que se ancora na noção de signo ou mediação), mas é antes aquilo que é criado pelo signo, como seu efeito e que opera ele próprio como um signo, na medida em que gera outro interpretante em um processo em cadeia. A partir dessa perspectiva semiótica, observador algum poderia ser visto como *fundamento epistemológico*, já que ele é construído de tal modo que não possa servir como algo estanque, a partir do qual se pode edificar qualquer filosofia. Ao contrário, ele é constituído e reconstruído continuamente na própria dinamicidade dos signos da semiose. Em oposição à sincronicidade da certeza intuitiva do sujeito que sustenta o *cogito* cartesiano, Peirce apresenta a processualidade de um processo de constituir sujeitos na teia da semiose.

De todo modo, ocupando a posição de interpretante, o observador deve ser capaz de operar como um leitor, já que o signo é como um convite para a leitura, e o processo mental por ele desencadeado funciona como o efeito mental similar a ler um livro. Essa analogia não dá conta da precisão lógica dos termos

<sup>10</sup> No original: “For the purpose of this inquiry a Sign may be defined as a Medium for the communication of a Form. [...] As a medium the Sign is essentially in a triadic relation, to its Object which determines it and to its Interpretant which it determines. In its relation to the Object, the sign is passive, that is to say, its correspondence to the Object is brought about by an effect upon the sign, the Object remaining unaffected. On the other hand, in its relation to the Interpretant the sign is active determining the interpretant without being itself thereby affected”.

<sup>11</sup> EP, neste trabalho, se refere a *The Essential Peirce: Selected Philosophical Writings* (Peirce, 1998). Os números que o seguem referem-se, respectivamente, ao volume e à página da referida obra.



técnicos da semiótica peirceana, mas ajuda a compreender o argumento que foi desenvolvido até aqui. Para que se entenda a semiótica peirceana como uma epistemologia, é preciso entender que a epistemologia não mais poderia ser tratada em termos de um dualismo dado pela relação sujeito-objeto, já que, ao contrário, teríamos três termos: signo, objeto, interpretante. É preciso entender ainda que o próprio leitor (sujeito, observador) quando colocado no papel semiótico de interpretante, não pode ser tomado como fundamento seguro, já que ele próprio é constituído na rede de interpretações, isto é, no fluxo dos signos. Nesse novo quadro epistemológico, é possível entender a metáfora do signo como livro, já que signo é pensamento expresso (cognição), pois em sua característica associativa permite tanto apreender um objeto quanto cultivar mentes e produzir ideias, fazendo caminhar a semiose.

### 3. A questão do observador em Lotman

Ainda que os fundamentos do pensamento semiótico de Lotman sejam distintos dos de Peirce, no que concerne à questão epistemológica, um aspecto os aproxima: o semioticista da Escola de Tártu também entende que o conhecimento não se constrói por meio da relação cartesiana entre o sujeito e o objeto do conhecimento.

Como o autor (Lotman, 1998b, p. 140) observa, nos trabalhos de história desenvolvidos ao longo do século XIX, sobretudo em virtude da influência exercida por Hegel, era recorrente o pressuposto acerca da disjunção do sujeito com relação à cultura a qual ele observa, ao mesmo tempo em que conhecer implicava a sobreposição do sujeito sobre o objeto que, de posse de determinadas estruturas lógicas, seria capaz de reconhecer as regularidades que pautam o desenvolvimento teleológico do objeto *cultura*, tal como prevê a filosofia da história em Hegel (1995). Contrariamente a tal compreensão hegeliana, para Lotman, o sujeito gnosiológico não apenas faz parte da cultura, como também o *modo* como ele conhece é determinado por ela que, forçosamente, cria uma mediação para o processo que leva à produção do conhecimento.

Antes de tudo, cumpre ressaltar que a compreensão do observador/ investigador/ pesquisador em Lotman passa, necessariamente, por aquilo que o semioticista entende como sujeito, segundo a perspectiva epistemológica de estudo da cultura subjacente à semiosfera. Por meio dela, torna-se possível apreender de que maneira ocorre o funcionamento da capacidade intelectual do sujeito semiótico e, por consequência, as possibilidades de produção do conhecimento que se colocam no âmbito do espaço semiótico de relações.

Para Lotman, a inteligência não é apenas uma propriedade humana, mas também da cultura que, por sua vez, é constituída por vários sistemas modelizantes de linguagem que subsistem em constante diálogo e

tensionamento mediante a fronteira semiótica. É por meio dela que ocorrem os processos de tradução e intraduzibilidade entre diferentes códigos e linguagens. Desse processo resulta a formação dos textos culturais, que são os arranjos sígnicos que efetivamente conferem materialidade à cultura. Nesse sentido, “[...] a incompleta ordenação da cultura como um sistema semiótico único, não é um defeito dela, mas sim uma condição de funcionamento normal” (Lotman; Uspenski, 2000a, p. 185, tradução nossa)<sup>12</sup>, dada a diversidade de formações sígnicas existentes que, em diálogo, geram não apenas a emergência de novas formas expressivas, como a ressignificação daquelas já existentes.

Subjacente a esses devires está a ação exercida pelo mecanismo inteligente da cultura. Para formulá-lo, Lotman (1996b) toma por base os dois hemisférios cerebrais, cujo funcionamento caracteriza-se por duas tendências absolutamente opostas. Enquanto o hemisfério direito é responsável pela produção de signos não discretos, o esquerdo encarrega-se da geração de signos discretos. O intercâmbio entre eles distingue-se essencialmente pela assimetria, pois, se, num determinado momento, um dos lados desenvolve uma intensa atividade, a qual acarreta a inibição temporária do seu oposto, posteriormente, a situação se inverte. Ao mesmo tempo, cada esfera tende a impulsionar a atividade da outra, visto que aquela que se manteve momentaneamente *paralisada* se vê diante de informações a serem processadas e traduzidas o que, inevitavelmente, gera uma própria reordenação interna, bem como uma intensa atividade cerebral.

É com base nessa compreensão que Lotman constrói a modelização relativa à ação exercida pelo mecanismo inteligente da cultura que, necessariamente, implica o intercâmbio assimétrico entre duas individualidades semióticas distintas. É esse dispositivo que permite apreender a interação entre os mais variados sistemas modelizantes e que tanto propicia a irrupção de novos textos culturais e sentidos não previsíveis na cultura, quanto assegura a individualidade das linguagens colocadas em relação, que se voltam para o seu próprio processo construtivo após o intercâmbio tradutório – denominado autodescrição ou autorreflexão –, impedindo assim que elas adentrem o processo entrópico.

São justamente esses intercâmbios que geram o espaço semiótico de relações ou semiosfera, sem a qual não seria possível sequer falar de semiose, isso porque, “A unidade de semiose, o menor mecanismo em funcionamento, não é uma linguagem separada, mas sim o espaço semiótico completo da cultura em questão. É o espaço que denominamos semiosfera” (Lotman, 1990, p. 125, tradução nossa)<sup>13</sup>. A semiose, aqui, implica os intercâmbios estabelecidos entre

<sup>12</sup> No original: “[...] la incompleta ordenación de la cultura como un sistema semiótico único, no es un defecto de ella, sino una condición de su funcionamiento normal”.

<sup>13</sup> No original: “The unit of semiosis, the smallest functioning mechanism, is not the separate language but the whole semiotic space of the culture in question. This is the space we term the semiosphere”.

diferentes sistemas, que geram a irrupção de novos arranjos sígnicos e sentidos, como também a resignificação daqueles já existentes. É por meio desses devires, que redefinem continuamente o espaço da semiosfera que, efetivamente, a cultura ganha dinamicidade.

Para elucidar esse mecanismo, em alusão às mônadas de Leibniz, Lotman indica a coexistência de diferentes “estruturas geradoras de sentido”<sup>14</sup> que funcionam como “uma espécie de mônadas semióticas” (Lotman, 1998b, p. 142, tradução nossa)<sup>15</sup>, dotadas de individualidade e caracterizadas por uma existência eminentemente “semiótico-informacional” (Lotman, 1998b, p. 143)<sup>16</sup>, capazes de tanto estabelecer trocas com o entorno ou com outras mônadas quanto realizar sua própria autodescrição. Ainda segundo o autor: “Mônadas são tanto a cultura em sua totalidade como cada texto suficientemente complexo encerrado nela, incluindo também a pessoa humana isolada, considerada como um texto” (Lotman, 1998b, p. 142-143, tradução nossa)<sup>17</sup>. Não por acaso, Lotman (1998a, p. 17) também situa a inteligência coletiva, o texto cultural e a consciência individual humana como três níveis distintos de objetos inteligentes da cultura, pois todos eles se articulam em meio a intercâmbios e tensionamentos.

Ao relacionar cada um desses objetos às mônadas semióticas que constroem e redefinem continuamente o espaço da semiosfera, Lotman elucida a centralidade que a ação intelectual exerce no devir da cultura, ao mesmo tempo em que indica que, se o homem se constitui em uma dessas mônadas é porque, antes de tudo, ele se insere numa modelização que caracteriza o ato de pensar, que não se limita a ele, mas o ultrapassa, reportando-se à própria cultura. Assim:

A presença de todas essas propriedades permite definir a mônada semiótica como a unidade intelectual, a portadora da Razão. O homem não apenas pensa, mas também está dentro de um espaço pensante, do mesmo modo que o portador da fala sempre está submerso em certo espaço linguístico. A capacidade intelectual da semiosfera é determinada pelo fato de que ela se apresenta ante nós como intersecção, coincidência, inclusão de uma dentro de outra, de um enorme número de mônadas, cada uma das quais é capaz de operações geradoras de sentido. É um enorme organismo de organismos. (Lotman, 1998b, p. 147, tradução nossa)<sup>18</sup>

---

<sup>14</sup> No original: “estructuras generadoras de sentido”.

<sup>15</sup> No original: “una especie de mônadas semióticas”.

<sup>16</sup> No original: “semiótico-informacional”.

<sup>17</sup> No original: “Mônadas así son tanto la cultura en su totalidad como cada texto suficientemente complejo encerrado en ella, incluyendo también la persona humana aislada, considerada como un texto”.

<sup>18</sup> No original: “La presencia de todas esas propiedades permite definir la mônada semiótica como la unidad intelectual, la portadora de la Razón. El hombre no sólo piensa, sino que también se halla dentro de un espacio pensante, del mismo modo que el portador del habla siempre está sumergido en cierto espacio lingüístico. La cabida intelectual de la semiosfera es determinada por el hecho de que ella se

Entender o dispositivo pensante da cultura é central para situarmos o que vem a ser o sujeito observador dentro do pensamento lotmaniano. Isso porque, assim como o homem, ele deve ser entendido como uma espécie de mônada pensante constitutiva da semiosfera e, como tal, subsiste em intercâmbio com outras esferas.

Como é pelo texto que a cultura adquire materialidade, logo, é por meio dele que o trabalho do observador tem início. Pela discriminação das fronteiras que constroem um arranjo textual é que se torna possível apreender os intercâmbios edificados entre distintos sistemas modelizantes de linguagem. Lotman é muito preciso ao indicar que, se por um lado, toda cultura implica um “conjunto de textos”<sup>19</sup>, pela perspectiva do observador, ela deve ser vista como “[...] um mecanismo que cria um conjunto de textos, e dos textos como a realização da cultura” (Lotman; Uspenski, 2000a, p. 178, tradução nossa)<sup>20</sup>. A essa compreensão aliam-se outros semiotistas da ETM, ao afirmarem que “[...] qualquer sistema semiótico não é dado imediatamente ao pesquisador, mas é construído como resultado da interação entre o observador e os fatos observados” (Zalizniák; Ivanov; Toporóv, 1979, p. 84). A construção, aqui, diz respeito não aos sistemas modelizantes em si, cuja existência independe do observador, mas à discriminação das trocas ocorridas num determinado momento (aspecto sincrônico), que tanto resultaram na constituição do texto cultural estudado quanto na redefinição de uma ordenação sistêmica em virtude da relação estabelecida com outra(s).

Além de mônada, todo observador também é um texto cultural. Aqui, faz-se imprescindível a remissão ao modo pelo qual Lotman entende a pragmática, definida por ele como o “trabalho do texto” (1996c, p. 98, tradução nossa)<sup>21</sup>, de modo que qualquer leitor, como também, o observador, é um texto que se coloca numa relação tradutória com outro(s) ou com o contexto mais amplo da cultura. Somente por meio desse processo é que um arranjo sígnico é capaz de produzir sentido na cultura pois, isoladamente, ele nada é capaz de dizer. Assim, como Lotman afirma “[...] o processo de transformação do texto na consciência do leitor (ou do investigador) [...] não é uma desfiguração da estrutura objetiva a que devemos nos afastar, mas, sim, a revelação da essência do mecanismo em seu processo de trabalho” (Lotman, 1996c, p. 98, tradução nossa)<sup>22</sup>.

---

presenta ante nosotros como intersección, coincidencia, inclusión de una dentro de otra, de un enorme número de mônadas, cada una de las cuales es capaz de operaciones generadoras de sentido. Es un enorme organismo de organismos”.

<sup>19</sup> No original: “conjunto de textos”.

<sup>20</sup> No original: “un mecanismo que crea un conjunto de textos, y de los textos como de la realización de una cultura”.

<sup>21</sup> No original: “trabajo del texto”.

<sup>22</sup> No original: “[...] el proceso de transformación del texto en la conciencia del lector (o del investigador) [...] no es una desfiguración de la estructura objetiva de la que debemos apartarnos, sino la revelación de la esencia del mecanismo en su proceso de trabajo”.

Tal compreensão encontra-se diretamente relacionada ao fato de que, para Lotman, toda atividade cognoscente necessariamente implica um exercício de metalinguagem que se fundamenta na tradução da sua linguagem-objeto, o que, por si só, consiste num ato interpretativo. Entendida como um importante “instrumento científico” (Jakobson, 1971, p. 127) de uma época, a metalinguagem apenas pode desempenhar esse papel porque se reelabora constantemente, em paralelo ao movimento incessante da sua linguagem-objeto, como também em virtude do próprio espaço de relações em que se constitui. Como Lotman afirma, “A linguagem da descrição não está separada da linguagem da cultura da sociedade a que pertence o próprio investigador” (Lotman, 1998c, p. 95, tradução nossa)<sup>23</sup>, de modo que, por meio dela, torna-se possível apreender traços distintivos de uma determinada cultura ou de uma época, o que faz com que a própria metalinguagem possa vir a se constituir, posteriormente, numa linguagem-objeto.

Ainda segundo Lotman, tal é o processo que caracteriza os processos de descrição tipológica da cultura, voltados para o entendimento da “concepção de desenvolvimento cultural” (Lotman, 1998c, p. 93, tradução nossa)<sup>24</sup> que cada cultura cria para si própria, pela qual se pode apreender seus principais códigos culturais, bem como, pela análise comparativa entre eles, delinear um “único sistema das características tipológicas dos principais códigos culturais” (Lotman, 1979, p. 33). Porém, não se pode perder de vista que, para o semiótico, os códigos constituem hierarquias complexas e, por isso, subsistem constante transformação, de modo que estudar a tipologia de uma cultura implica, igualmente, apreender os seus devires.

Paralelamente à linguagem das descrições tipológicas, coloca-se ainda a linguagem das descrições topológicas, que visa a delinear os modelos espaciais de desenvolvimento dos sistemas da cultura. Com isso, busca-se apreender a ação da memória informacional, a qual permite perceber as invariáveis de uma cultura dada, não obstante suas contínuas variações. Inclusive, segundo o autor, é pelo modelo espacial, o qual é delimitado pela fronteira, que se pode definir a posição a ser ocupada pelo observador no processo de metalinguagem, ou seja: do ponto de vista de um sistema específico ou fora dele.

Nesse sentido, o modo pelo qual o observador “olha” algo é, impreterivelmente, mediado pelas linguagens de descrição (tipológica e topológica) e pela cognição diretamente relacionada a elas. Tal processo nos ajuda a entender que, pela perspectiva da semiosfera, a relação sujeito-objeto jamais poderia ser considerada pelo viés unilateral de um sujeito pensante “fora da cultura” que se volta a um objeto inerte, uma vez que todos eles funcionam

---

<sup>23</sup> No original: “El lenguaje de descripción no está separado del lenguaje de la cultura de la sociedad a la que pertenece el propio investigador”.

<sup>24</sup> No original: “concepción del desarrollo cultural”.

como mônadas intelectuais que estão em constante devir. Não é à toa que, para Lotman, a cultura constitui-se em “sujeito e objeto para si mesma” (1998b, p. 140, tradução nossa)<sup>25</sup>, pois ambos estão imersos no universo da semiosfera, de modo que a definição de um ou outro pressupõe, antes de tudo, uma posição funcional delimitada num determinado momento em virtude de certos questionamentos que, por sua vez, também não se dissociam da cultura da época em que foram formulados e, logo, sofrem sua interferência.

Se, por um lado, a compreensão do observador em Lotman passa pelo sujeito semiótico, por outro, pode-se dizer que o primeiro consiste num tipo muito peculiar do segundo, de modo que nem todo sujeito semiótico é um observador/ investigador/ pesquisador, ainda que o contrário seja verdadeiro. Entendido como texto, todo sujeito coloca-se numa relação tradutória com outro arranjo textual, porém, no âmbito do sujeito observador, esse processo implica um ponto de vista muito específico voltado a, como Lotman indica, apreender o funcionamento do mecanismo inteligente da cultura, responsável pela geração de novos textos e sentidos na cultura. Para tal, o investigador faz uso das linguagens de descrição pelas quais se constrói outro texto cultural, capaz de produzir a inteligibilidade dos processos culturais, por meio das linguagens fornecidas pela própria cultura. Tal ênfase não pode ser desconsiderada, uma vez que, por meio dela, Lotman parece, justamente, oferecer um dos alicerces para se apreender a dimensão epistemológica subjacente à semiosfera, de modo a situar as possibilidades que se colocam para a construção do conhecimento em meio ao espaço semiótico de relações.

#### 4. Complementaridades epistemológicas entre Peirce e Lotman

As exposições a respeito de Peirce e Lotman buscaram destacar de que maneira ambas as abordagens deslocam a ênfase do sujeito para as mediações e, com isso, como cada teoria concebe a noção de observador. Não é nossa intenção, aqui, fazer uma leitura de um a partir do outro, tampouco reduzir ambas as propostas a uma comparação superficial. Interessa-nos, neste espaço, assumir o desafio de explorar as complementaridades e tensionamentos entre elas, na tentativa de contribuir para o debate sobre o ponto de vista semiótico acerca da epistemologia.

Cabe frisar que a ideia de mediação de ambos é distinta. Em Peirce, a mediação aparece como uma tríade, como uma *mediação do signo*, cuja própria noção de signo passa a ocupar o papel epistemológico central para a cognição, ao passo que, em Lotman, a mediação é construída por meio do espaço da semiosfera, de modo que a centralidade epistemológica se ancora nas ações intelectivas que acontecem no devir da cultura. Nesse sentido, enquanto a

<sup>25</sup> No original: “sujeto y objeto para sí misma”.

epistemologia peirceana parece se erigir antes de tudo como uma associação entre filosofia da linguagem (do signo) e filosofia da mente (dos processos cognitivos), a epistemologia lotmaniana parece se erigir no devir dos processos culturais.

Uma primeira consequência dessa compreensão distinta de mediação diz respeito à importância das interpretações para a própria noção de semiose. Em Peirce, é fundamental entender tanto que o interpretante (I) é outro signo (S), bem como que há uma distinção lógica entre S e I, já que ambos ocupam um lugar semiótico específico em cada uma das tríades consideradas no processo temporal da semiose. Dessa forma, a ideia de semiose destaca a importância das vinculações dos signos e interpretantes com os objetos (O) representados, que estendem o alargamento das fronteiras do pensamento a partir de tais vinculações, já que para este autor seriam sempre as tríades do Signo-Objeto-Interpretante o fundamento da própria semiose. Nessa linha, podemos assinalar que a própria noção (possível) de observador, na semiótica peirceana, aparece ora como interpretante dinâmico do signo (intérprete), no caso de sujeitos particulares, ora como interpretante final do signo (sentido teleológico da interpretação por uma comunidade indefinida), no caso de um sujeito mais coletivo de investigadores.

Por sua vez, na pragmática definida por Lotman, todo observador é um texto e, como tal, coloca-se numa relação assimétrica com o arranjo textual estudado, que deve ser apreendido pelas linguagens de descrição pelas quais a metalinguagem é construída. Em conformidade com Machado, ao se reportar a Jakobson, é preciso entender a metalinguagem na sua amplitude, ou seja, como “capacidade cognitiva por excelência. Sem ela, conhecimento algum pode ser construído simplesmente porque nada pode prescindir de linguagem para ser explicitado” (Machado, 2007, p. 44). Em Lotman, não há como dissociar o exercício interpretativo desse processo, o qual evidencia a própria semiose do processo intelectual. Também cumpre lembrar que qualquer tentativa de apreender a modelização subjacente a um ou mais sistemas, a partir das fronteiras que constroem um arranjo textual constitui, essencialmente, um exercício de metalinguagem.

Ainda que a epistemologia subjacente ao espaço semiótico de relações pareça sugerir uma semiose ela própria ampliativa e aberta, a liberdade de interpretação não é, de todo modo, total, dado que o observador, entendido como um texto em relação tradutória, só pode *observar* ou *ler* signos a partir do contexto, isto é, a partir da posição que ele ocupa na semiosfera. Da mesma forma, se, em Peirce, a interpretação é ampliativa, ela não é totalmente livre por conta da vinculação que os signos e interpretantes guardam com o objeto.

Ainda sobre a atividade interpretativa do observador, convém acrescentar que o tom pragmatista da teoria peirceana se distingue da abordagem tradutória da pragmática lotmaniana. Em Peirce, as interpretações dos signos ocorrem sob o pano de fundo da lógica representativa, aberta para o novo e passível de ser julgada por processos inferenciais. Apesar de as interpretações serem abertas, há na própria semiótica peirceana, entendida a partir da lógica da ciência, uma lógica crítica e uma metodêutica capazes de validar inferências e conectá-las umas às outras, na esperança de que ao longo do tempo sejam reveladas as distâncias entre as interpretações mais ou menos condizentes com aquilo que o signo representa (seu objeto). A lógica da ciência peirceana está imbuída de uma esperança de alcançar algum critério pragmatista de validação lógica e metodológica das interpretações, de modo que se busque (ao menos nas semioses mais “científicas”) uma convergência das interpretações no tempo (tal como sugere a ideia peirceana de interpretante final).

Tal esperança não parece ser compartilhada por Lotman, especialmente porque sua semiótica não pretende ensejar uma lógica da ciência, mas sim caracterizar as complexidades textuais da cultura, de modo que os critérios de validação ou invalidação de interpretações são dados nos processos de modelização, sendo a própria cultura o terreno no qual os sentidos entrarão em disputa por validação. Quanto a isso, cumpre ressaltar que, para Lotman (1998c), toda metalinguagem pela qual o modelo é explicitado deve manter relações de homeomorfismo com o texto cultural a que visa descrever. Isso ocorre, sobretudo, por meio da linguagem das relações espaciais (topológicas), pelas quais se estabelece uma relação de equivalência entre a fronteira que constrói o arranjo textual e as relações espaciais explicitadas pelo modelo.

Nota-se assim que diferentes noções de semiose que, em Peirce, relaciona-se à lógica dos signos e das cognições e, em Lotman, ao dispositivo inteligente da cultura pelo qual o espaço da semiosfera se constrói, geram igualmente diferentes noções de mediação e modos pelos quais o conhecimento é construído. A semiótica do filósofo norte-americano, entendida como uma ciência normativa, apesar de centrada na noção de signo/mediação, precisa, justamente por conta do sistema filosófico peirceano que inclui a lógica da ciência e a metafísica, da noção de objeto, componente essencial na tríade Signo-Objeto-Interpretante. Assim, em Peirce, apesar de a primazia lógica ser do signo, a primazia ontológica é do objeto, já que a investigação (científica ou metafísica) sobre o real precisa incluir em seu bojo um falibilismo, isto é, um princípio de introdução do “erro” que possa corrigir interpretações no tempo.

Vale ressaltar, aqui, que tal erro não é dado em uma única linearidade da cadeia de semiose, mas que pode existir na confrontação e comparação de observações colaterais. Este caráter de objetividade aparece na epistemologia peirceana a partir da noção de objeto, isto é, daquilo que ontologicamente resiste



às interpretações, mas que, de todo modo, só é acessado por meio dos signos. Assim, o contato com as observações colaterais é fundamental para a semiótica de Peirce, mas, justamente por conta de a proposta de uma semiótica da ciência ser distinta da proposta de uma semiótica da cultura, a noção de objetividade é entendida de modo diferente nesta última.

Em Lotman, a questão da objetividade parece ganhar lugar na relação que se estabelece na descrição dos processos tipológicos e topológicos, pela qual se busca apreender, tal como indica Machado, as “invariantes no contexto das variações” (2013, p. 17), ou seja, a variabilidade e a continuidade no devir dos sistemas. Para tal, na sincronicidade do espaço de relações que um texto cultural articula com o entorno por meio da fronteira, torna-se possível delinear a ação da memória informacional que, pelo modelo espacial da cultura, permitiria apreender justamente aquilo que permanece no devir dos sistemas, a despeito das suas contínuas ressignificações. Com isso, tal como afirmam Zalizniák, Ivanov e Toporóv. (1979, p. 91), é “[...] oportuno descrever um mesmo sistema Sr do ponto de vista de observadores de vários sistemas de cálculo [...] e estabelecer as regras de correspondência” que, impreterivelmente, constroem observações colaterais a respeito do funcionamento de um dado sistema e/ou texto, as quais igualmente estão sujeitas ao falibilismo. Tal exercício intelectual é fundamental para que se possa traçar o modelo subjacente ao funcionamento de um determinado sistema, o qual elucidaria as próprias condições de possibilidade de irrupção de uma forma de linguagem.

Assim, apesar das especificidades do pensamento de Peirce e de Lotman, no que tange à epistemologia semiótica, em síntese, pode-se dizer que: 1. o modo como ambos os autores concebem o processo de construção do conhecimento ampara-se numa noção de mediação; 2. enquanto resultado e agente da semiose, o observador constitui-se em meio ao devir, da mesma forma que, pela semiose, constrói-se uma semiótica ampliativa; 3. o processo de validação, apesar de também em devir, apoia-se em distintas ordens – lógica para Peirce e cultural para Lotman; 4. em Peirce, a objetividade reporta-se a uma dimensão ontológica, ao passo que, em Lotman, ao devir dos sistemas, considerando a intersecção das invariantes.

## 5. Outras aproximações possíveis em Peirce e Lotman

Tal cotejamento das ideias de Peirce e Lotman acerca da epistemologia semiótica, por sua vez, não esgota as possibilidades de constituição de outras aproximações entre ambos os autores, o que não implica o mero estabelecimento de simetrias simplistas, tal como assinalamos ao longo de todo este trabalho. A título de exemplo, enquanto Lotman afirma que o homem pensa sempre de dentro de um *espaço pensante*, Peirce (CP 5.289; EP 1.42) indica que o

pensamento não nos pertence, mas, ao contrário, “nós é que pertencemos ao pensamento”, à semiose, ao processo mental que se dá no tempo.

Se a ênfase de Lotman no *espaço semiótico* for combinada com a ênfase peirceana no *tempo semiótico*, teremos não uma oposição entre epistemologias, mas uma complementaridade. Aqui, é importante mais uma vez ressaltar que, para Peirce, a semiose implica uma processualidade no tempo, pela qual ocorre a determinação do signo pelo objeto, bem como a geração do interpretante pelo signo, ao passo que, em Lotman, a semiose possui como dominante o espaço, dadas as relações de tradução e intraduzibilidade que são articuladas pela fronteira semiótica, a qual, como o semioticista aponta, pode ser descrita por meio de um modelo espacial (Lotman, 1998c). Nesse sentido, o cotejamento da semiose em Peirce e Lotman não pode desconsiderar tal especificidade, o que, por sua vez, não impede uma leitura complementar de ambos voltada a apreender as relações entre tempo e espaço na semiose de distintos fenômenos, a começar pelo próprio pensamento, tal como pontuamos acima.

Destacamos ainda a relação que as teorias aqui consideradas guardam com a ação de sistemas dinâmicos complexos, tais como os socioculturais. Se tomarmos os sistemas culturais como sistemas dinâmicos longe do equilíbrio, e se fizermos a analogia de tais sistemas com o que Prigogine (1997) chama de estruturas dissipativas, poderemos perceber que ambas as semióticas entendem a evolução desses sistemas tanto como uma seta para a ordem quanto para a desordem.

Se, em Lotman, a própria dinâmica das estruturas dissipativas é entendida a partir do surgimento, a partir das interações, de pontos de instabilidade e de perturbação pelos quais irrompem os chamados processos explosivos (Lotman, 1999), em Peirce, esta *caoticidade criativa* também tem lugar, mas a partir de uma dinâmica própria ao princípio de variância e criatividade que habita os signos e os fenômenos de primeiridade, observáveis em toda manifestação artística, polissêmica, plural, icônica.

Assim, se por um lado, os sistemas culturais crescem por meio de intercâmbios e de memória, segundo Lotman, eles próprios regidos por um princípio de regularidade e também de irregularidade, por outro lado, tais dinâmicas podem ser vistas a partir da complementaridade presente em todo sistema complexo entre um princípio de variância e criatividade (tiquismo), e uma tendência à aquisição de hábito e continuidade (sinequismo), entre a inventividade própria da primeiridade e a cognoscibilidade própria da terceiridade, segundo Peirce. Trata-se assim de questões que suscitem outras possibilidades de estudo entre a abordagem epistemológica subjacente ao pensamento de Peirce e ao de Lotman.

## 6. Considerações finais

Tal como buscamos discutir ao longo deste trabalho, a perspectiva radicalmente não antropocêntrica de uma epistemologia semiótica pressuposta aos escritos de Peirce e Lotman passa, necessariamente, pelo deslocamento da centralidade do sujeito gnosiológico para a mediação. A despeito das suas especificidades, não se pode perder de vista que ambas as abordagens indicam a possibilidade de construção de um conhecimento em que não há a prevalência do sujeito sobre o objeto.

As mediações, tal como afirma Ferrara, “[...] por hipótese, podem sugerir um caminho a ser percorrido pela produção científica” (2003, p. 61) que, necessariamente, exige a compreensão prévia sobre o modo como elas se articulam, da mesma forma que oferecem um indicativo sobre a própria possibilidade de constituição do conhecimento, como também da epistemologia subjacente ao pensamento semiótico de Peirce e Lotman. É em conformidade com essa condição que o observador se insere. Nesse sentido, Lotman é muito preciso ao afirmar que “[...] o modelo ‘sujeito – objeto’ resulta nada mais que uma abstração convencional e unilateral” (Lotman, 1998b, p. 151, tradução nossa)<sup>26</sup> visto que, na esfera do pensamento semiótico, o que se tem é sempre um intercâmbio caracterizado por grande complexidade.

Se considerarmos que a mediação, em ambos os autores, pressupõe a semiose, logo, o conhecimento que se alicerça por meio de tal perspectiva constitui um processo sempre em movimento, sujeito ao falibilismo e aberto, dada a impossibilidade para os observadores individuais afirmarem o que é um dado objeto, mas, sim, indicar as condições que permitem apreender a sua semiose, seja por meio da relação triádica entre signo-objeto-interpretante, segundo Peirce, seja pela semiosfera, segundo Lotman. A nosso ver, tal é uma das principais contribuições que uma epistemologia semiótica pode oferecer para a teoria do conhecimento em geral. ●

---

## Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- DESCARTES, René. *Meditações sobre filosofia primeira*. Campinas: Editora Unicamp, 2004.
- FERRARA, Lucrécia D’Alessio. Epistemologia da comunicação: além do sujeito e aquém do objeto. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo. *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 55-67.

---

<sup>26</sup> No original: “[...] el modelo ‘sujeto – objeto’ resulta más que una abstracción convencional y unilateral”.

- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *A razão na história*. Introdução à filosofia da história universal. Lisboa: Ed. 70, 1995.
- HESSSEN, Johannes. *Teoria do conhecimento*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- LOTMAN, Iuri. Acerca de la semiosfera. In: LOTMAN, Iuri. *La semiosfera I*. Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996a. p. 21-42.
- LOTMAN, Iuri. Asimetría y diálogo. In: LOTMAN, Iuri. *La semiosfera I*. Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996b. p. 43-60.
- LOTMAN, Iuri. Cerebro – texto – cultura – inteligencia artificial. In: LOTMAN, Iuri. *La semiosfera II*. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998a. p. 11-24.
- LOTMAN, Iuri. *Cultura y explosión*. Barcelona: Gedisa, 1999.
- LOTMAN, Iuri. El *ensemble* artístico como espacio de la vida cotidiana. In: LOTMAN, Iuri. *La semiosfera III*. Semiótica de las artes y de la cultura. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000b. p.113-122.
- LOTMAN, Iuri. El texto en el texto. In: LOTMAN, Iuri. *La semiosfera I*. Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996c. p. 91-109.
- LOTMAN, Iuri. Explosive processes. In: LOTMAN, Iuri. *The unpredictable workings of culture*. Tallinn: TLU Press, 2013. p. 41-44.
- LOTMAN, Iuri. La cultura como sujeto y objeto para sí misma. In: LOTMAN, Iuri. *La semiosfera II*. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998b. p. 140-151.
- LOTMAN, Iuri; USPENSKI, Boris A. Sobre el mecanismo semiótico de la cultura [con B. A. Uspenski]. In: LOTMAN, Iuri. *La semiosfera III*. Semiótica de las artes y de la cultura. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000a. p.168-193.
- LOTMAN, Iuri. Sobre el metalenguaje de las descripciones tipológicas de la cultura. In: LOTMAN, Iuri. *La semiosfera II*. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998c. p. 93-123.
- LOTMAN, Iuri. Sobre o problema da tipologia da cultura. In: SCHNAIDERMAN, Boris (Org.). *Semiótica russa*. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 31-41.
- LOTMAN, Iuri. Un modelo dinámico del sistema semiótico. In: LOTMAN, Iuri. *La semiosfera III*. Semiótica de las artes y de la cultura. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000c. p.63-80.
- LOTMAN, Iuri. *Universe of mind*. Bloomington, Indianapolis: Indiana university press, 1990.
- MACHADO, Irene. *O filme que Saussure não viu: o pensamento semiótico de Roman Jakobson*. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2007.
- MACHADO, Irene. O método semiótico-estrutural na investigação dos sistemas da cultura. In: SILVA, Alexandre R., NAKAGAWA, Regiane M. O. *Semiótica da comunicação*. São Paulo: Intercom, 2013. p. 16-41.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- NÖTH, Winfried. *Panorama da semiótica*. De Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 2003.

PEIRCE, Charles Sanders. Questions Concerning Certain Faculties Claimed for Man. *Journal of Speculative Philosophy*, [s. l.], v. 2, n. [Published at W 2:193-211, CP 5.213-263], p. 103–114, 1868a.

PEIRCE, Charles Sanders. Some Consequences of Four Incapacities. *Journal of Speculative Philosophy*, [s. l.], v. 2, n. [Published at W 2:193-211, CP 5.213-263], p. 140–157, 1868b.

PEIRCE, Charles Sanders. Grounds of Validity of the Laws of Logic: Further Consequences of Four Incapacities. *Journal of Speculative Philosophy*, [s. l.], v. 2, n. [Published at W 2:193-211, CP 5.213-263], p. 193–208, 1869.


PEIRCE, Charles Sanders. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. [Eletronic ed.] Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1978. [CP]

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. *A nova aliança*. Brasília: Ed. UnB, 1997.

SANTAELLA, Lúcia; VIEIRA, Jorge Albuquerque. *Metaciência: uma proposta semiótica e sistêmica*. São Paulo: Mérito, 2008.

ZALISNIÁK, A. A.; IVANOV, V. V.; TOPORÓV, V. V. Sobre a possibilidade de um estudo tipológico-estrutural de alguns sistemas semióticos modelizantes. In: SCHNAIDERMAN, Boris (Org.). *Semiótica russa*. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 81-96.

---

 **Semiotic epistemology and the matter  
of the observer in Peirce and Lotman approaches**

 NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira

 CARDOSO, Tarcísio de Sá

**Abstract:** This article discusses how the gnosiological subject of knowledge, or the observer, can be understood through two different semiotic perspectives: the one by the philosopher Charles Sanders Peirce and the other by the semiotician of the School of Tartu-Moscow Yuri Lotman, as well as the correlation and the tension between both approaches. Both theorists share the rupture with the Cartesian conception about the dualistic relationship between the subject and the object of knowledge by situating the mediation-exerted action in the process of knowledge construction. Peirce does not favor the observer's figure in his work; however, according to our reading, an eminently logical understanding of the observer's idea can be pointed through the relationship among sign, object and interpretant. On the other hand, Lotman makes a set of allusions to the observer's figure throughout his writings, whose understanding is directly related to the epistemological perspective of studying culture linked to the semiosphere. Through the dialogue between the authors, or yet, through the epistemological complementarity between their ideas, considering the approximations and distances between them, we delimited the following contact points: the sign mediation present in the process of knowledge construction; the constitution of the observer in the midst of semiosis; the validation of knowledge and, finally, the objectivity.

**Keywords:** gnosiological subject; mediation; Charles Sanders Peirce; Yuri Lotman, semiotic epistemology.

---

#### Como citar este artigo

NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira; CARDOSO, Tarcísio de Sá. Epistemologia semiótica e a questão do observador em Peirce e Lotman. *Estudos Semióticos* [online]. Volume 16, número 3. Dossiê temático: "Semiótica e Epistemologia". São Paulo, dezembro de 2020, p. 112-132. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse)>. Acesso em: dia/mês/ano.

---

#### How to cite this paper

NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira; CARDOSO, Tarcísio de Sá. Epistemologia semiótica e a questão do observador em Peirce e Lotman. *Estudos Semióticos* [online]. Vol. 16.3. Thematic issue: Semiotics and Epistemology. São Paulo, december 2020, p. 112-132. Retrieved from: <[www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse)>. Accessed: year/month/day.

---

Data de recebimento do artigo: 24/07/2020.

Data de aprovação do artigo: 28/09/2020.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons License CC BY-NC-SA 4.0.

